

# A língua portuguesa como princípio e fim, numa universidade aberta ao mundo

**História.** À Universidade de Coimbra deve-se tudo: uma cidade sem igual (Coimbra, claro), um vasto património mundial (reconhecido pela UNESCO), uma língua universal (o português) e até um país-continente na forma que hoje se conhece (o Brasil). Graças a ela, tudo isto existe. E, por causa disso, tudo se lhe perdoa: até que celebre a 1 de março de 2015 o 725.º aniversário de uma instituição que começou por funcionar em... Lisboa.

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FERNANDO FONTES (2) / G. OLIVEIRA

## RUI MARQUES SIMÕES

O frio enterra-se nos ossos e não convida à contemplação. Grupos de estudantes caminham, em risos e passos apressados, e só um casal de turistas de meia-idade, devidamente encasacado, se demora a olhar em volta. Estão no Paço das Escolas, o coração da Universidade de Coimbra. Talvez não saibam como todas as noites um grupo de morcegos zela pela conservação dos livros da Biblioteca Joanina; como em certas épocas no ano aquelas ruas e árvores acordam decoradas com destróicos de trajes académicos rasgados “à força”; como ali se esconde e revela tanto da história quase milenar de uma cidade, de um país e de uma língua; como àquela instituição se deve tanto. Isto, provavelmente, já sabem: ali mora a universidade mais antiga da língua portuguesa, uma das mais velhas do mundo, Património Mundial da Humanidade desde junho de 2013.

O reitor João Gabriel Silva é um dos guias da viagem pela história centenária da Universidade de Coimbra (UC), fundada a 1 de março de 1290 – um percurso com Portugal e a língua portuguesa como princípio e fim.

“D. Dinis fundou a universidade porque entendia que um país que não tem a capacidade de produção de conhecimento e formação dos seus próprios quadros não tem perspectivas de futuro (aliás, essa é uma visão central na construção da cultura e da língua portuguesa”, sublinha o reitor.

Esse papel estendeu-se para lá do Atlântico Sul. “Uma das características pouco conhecidas da UC é o facto de ter sido responsável pela formação de praticamente toda a elite brasileira nos tempos da independência, o que fez que o Brasil fosse um só país”, esclarece João Gabriel Silva. Enquanto as colónias espanholas da América do Sul tinham universidades próprias (“cada uma criou uma elite, que ganhou uma consciência própria e gerou um estado”) toda a elite brasileira vinha formar-se à única universidade em língua portuguesa (“os reis portugueses impunham-no, para fomentar a coesão do império”). “Em Coimbra, criavam um espírito de corpo: sentiam que pertenciam à mesma coisa, tinham algo em comum. Graças a essa identidade, ao contrário dos vizinhos, o Brasil nunca se dividiu. Há historiadores que o explicam com muito detalhe”, completa o reitor.

A ligação centenária (Manuel de Paiva Cabral, o primeiro brasileiro de que há re-

gisto nos arquivos universitários, chegou em 1577, para estudar leis) não se perdeu com o “grito de Ipiranga” – até porque as primeiras universidades, do lado de lá, só surgiram no século XX. Atualmente, a UC é o estabelecimento de ensino superior com mais brasileiros fora do Brasil. Contam-se mais de 2000, representam a maior fatia das 79 nacionalidades que estudam em Coimbra, e são gente como Bianca Monteiro. “O meu pai é português e sempre desejou que eu viesse estudar para Portugal. Coimbra pareceu-me a melhor opção, a mais atrativa. É muito mais aberta ao mundo do que as universidades brasileiras”, conta a estudante de História.

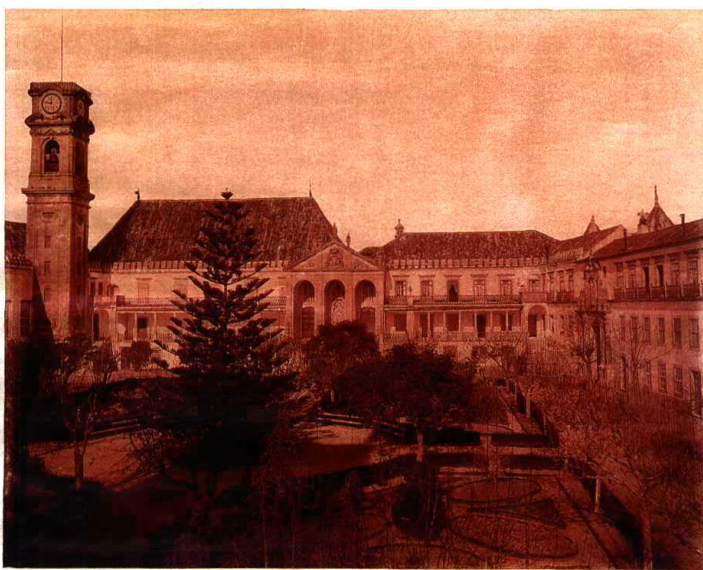
A abertura, principalmente à lusofonia, é um ponto de honra. “Entendemos que uma das nossas missões é defender a língua portuguesa. Não podemos aceitar que a única língua para transmitir conhecimento seja a inglesa, porque isso corresponde à amputação de uma das funções de uma língua nacional como a nossa – que é partilhada por muitos países. Sem prejuízo de ter alguns cursos em inglês (os estudantes têm de estar preparados para o mundo), a UC tem como missão manter sempre formação avançada em língua portuguesa. Um país só é verdadeiramente independente se a sua língua for também uma língua de co-

**O Paço das Escolas, vigiado por uma estátua de D. João III (o rei que decidiu o estabelecimento definitivo da Universidade em Coimbra, a partir de 1537), ainda é o coração da instituição. Ali estão os espaços mais emblemáticos, da Biblioteca Joanina à Torre da Universidade, animados por um movimento constante de turistas e estudantes, pautado pelo toque do sino que encima a torre (“a cabra”).**



FERNANDO FONTES (2) / G. OLIVEIRA





DIRETOS/ESPANZOS/IMAGE

Paço das Escolas

View from the Torre da Moura

Imagem de arquivo

## COIMBRA



DORLAND/DAVEY/GETTY IMAGES

Uma das primeiras gravuras do Paço das Escolas, datada de finais do século XIX (parte do espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra); os estudantes João Cardoso e Salomé Milagres; e o archeiro Adérito Salgado Alves.



FRANCESCO/REUTERS/CONTRASTO

►nhecimento (e isto quase nos remete novamente para D. Dinis)", enfatiza o reitor.

O rei "lavrador", cuja estátua agora tudo observa na alta universitária da cidade de Coimbra, foi mesmo determinante nesta história. Foi ele que decretou a criação do Estudo Geral Português, a 1 de março de 1290, com a assinatura do documento *Scientiae thesaurus mirabilis*. Inicialmente, as faculdades de Artes, Direito Canônico (Cânones), Direito Civil (Leis) e Medicina foram instaladas em Lisboa, mas em 1308 transferiram-se para Coimbra. E após dois séculos a alternarem entre as duas cidades, estabeleceram-se definitivamente à beira-Mondego a partir de 1537.

Em perto de 500 anos, muita coisa mudou. Os anfiteatros universitários passaram da Rua da Sofia, na baixa da cidade, para o Paço (ou Pátio) das Escolas — antiga residência real —, na alta. A universidade abriu-se às ciências e à experimentação (com a "reforma pombalina" de 1772, "uma alteração de que agora nem percebemos bem o alcance", destaca João Gabriel). E, entre os anos 40 e 60 do século passado, sofreu uma nova reforma, com a construção de uma cidade universitária moderna na alta — foram erguidos de raiz Arquivo, Observatório Astronômico, Biblioteca Geral, Faculdades de Letras e Medicina, departamentos de Matemática, Física e Química e Estádio Universitário, na outra margem do Mondego.

No último quarto de século, continuou a expansão geográfica e nas áreas de saber. A UC criou a última das suas oito faculdades (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 1997), expandiu-se para os Polos II e III (dedicados às engenharias e ciências da saúde, ambos em outras zonas da cidade), e ganhou novos laboratórios, centros de estudos e investigação. O futuro passa também por aí. "Cada vez mais", assereva João Gabriel Silva. "Uma das coisas que nos orgulha é que, apesar destas crises todas, sendo vindo a conseguir subir nos rankings de investigação científica. É claro que queremos mais, que continuamos a trabalhar. Mas já há algumas coisas que podemos mostrar: somos a única universidade portuguesa que tem fármacos no mercado (Fluodesoxiglucose); temos algumas instalações de investigação únicas e raras

no mundo, como o ICNAS/Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde, onde está o ciclotrão; temos o Instituto Pedro Nunes, reconhecido como a melhor incubadora de empresas portuguesa (mais de 200 empresas incubadas ao longo destes quase 20 anos de existência)", enumera o reitor.

A alta ainda é o coração da universidade: lá está a maioria dos edifícios entretanto considerados Património da Humanidade pela UNESCO (outros sete antigos colégios resistem na Rua do Sofia), que estudantes e turistas percorrem diariamente. Da majestosa Biblioteca Joanina (com os tetos pintados, talha dourada, mesas de madeira tropical e mais de duzentos mil livros dos séculos XVI a XVIII, protegidos pelos morcegos que comem os insetos que poderiam estragá-los) à imponente Torre da Universidade (com o toque estridente da "cabra", o sino que chama(va) os estudantes para

## A universidade estende-se por toda a cidade, marcando também a cultura e do desporto locais. "É difícil imaginar o que seria Coimbra sem ela"

as aulas), há marcas centenárias a cada esquina.

A partilhar as histórias, junto à Porta Férrea que dá acesso ao Pátio das Escolas, estão os archeiros, antigos guardas da universidade, que agora cumprem funções simbólicas (que vão do toque do sino ao esclarecimento das dúvidas dos turistas). "É um trabalho especial. É um orgulho fazê-lo numa universidade centenária e património da humanidade. Tiram-me muitas fotos — por esta altura estou em todos os cantos do mundo —, fazem-me perguntas, já estou habituado... ", descreve Adérito Salgado Alves, de 53 anos. Nos últimos 12 anos, ali acompanhou diariamente o pulsar da universidade, das cerimónias fúnebres aos doutoramentos *honoris causa*: "Já levo muitas recordações e histórias para contar."

As memórias vão para lá dos bancos das faculdades. A universidade estende-se por toda a cidade. "É difícil imaginar o que seria Coimbra sem ela", reconhece João Gabriel Silva. "Nas grandes cidades, como Lisboa e

Porto, as universidades são mais uma instituição diluída. A vida académica e dos estudantes aqui em Coimbra tem um conjunto de características que não tem par noutro sítio", acrescenta.

"A universidade projeta-se na cidade. E vice-versa." Elísio Estanque, sociólogo, professor e investigador do Centro de Estudos Sociais da UC, ajuda a explicar a relação "nem sempre harmoniosa entre a elite estudantil e a sociedade civil, os chamados "futricas". E conta como apesar dessa fricção "por causa da diferença de *status*", a cidade lucrou com a ligação ao longo dos tempos. "Do ponto de vista económico e cultural, estas gerações tiveram um significado muito importante", frisa, lembrando os intelectuais que por lá passaram — de Adriano Correia de Oliveira a Zeca Afonso, de Almeida Garrett a Vergílio Ferreira, passando por Antero de Quental, Eça de Queirós e outros tantos.

Do Jardim Botânico a um vasto número de museus, do Estádio Universitário ao Teatro Académico Gil Vicente, os espaços da UC marcam a vida cultural e desportiva da cidade. "A larga maioria da atividade desportiva é organizada por estudantes ou por antigos estudantes, na Associação Académica. E, se tirássemos a cidade os grupos estudantis e o TAGV, a atividade cultural ficava reduzida a muito pouco", sublinha João Gabriel Silva.

Sim, a UC está em toda a parte. Na praxe académica (com climax nos cortejos da Festa das Latas e Queima das Fitas ou no "rasgão" do traje, que marca o final do curso). No fado (a canção de Coimbra). Nas mil e uma ramificações da Associação Académica de Coimbra (AAC) — sob o telhado da maior e mais antiga associação de estudantes do país existem 26 secções desportivas, 16 secções culturais, 11 tunas e oito organismos autónomos. "Cultura, fado, desporto... toda a tradição académica contribui para que Coimbra seja, por excelência, a cidade dos estudantes. A cidade tem na universidade o seu motor de desenvolvimento", sublinha o presidente da direção-geral da AAC, Bruno Matias.

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# 1290

ANO DA FUNDAÇÃO

Unidades orgânicas: 12  
Total de estudantes: 25 434  
Docentes: 1501  
Funcionários não docentes: 1359  
Unidades de investigação: 45  
Propina (licenciatura): 1067,85 euros

A Universidade de Coimbra (UC) é um mundo, dividido por 12 unidades orgânicas: oito faculdades (Letras, Direito, Medicina, Ciências e Tecnologia, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação), Ciências do Desporto e Educação Física), mais o Colégio das Artes, o Tribunal Universitário Judicial e Europeu, o Instituto de Investigação Interdisciplinar e o Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde. Lá estão matriculados, segundo dados da instituição, cerca de 25 mil alunos — entre eles, 9996 de licenciatura e 11 280 de mestrado — de 79 nacionalidades diferentes. A universidade oferece mais de 300 cursos: 36 do 1º ciclo, 124 do 2º, 97 do terceiro e 56 não conferentes de grau. Tem ao dispor dos alunos 23 bibliotecas, 13 unidades alimentares (com 876 153 refeições servidas em 2013) e 697 quartos/1322 camas em residências universitárias. E não esquece a aposta na investigação (45 unidades) e na inovação: tem um total acumulado de 32 patentes registadas no plano nacional e 67 a nível internacional, e do seu seio já brotaram 43 empresas (*spin-offs*).



Os movimentos estudantis também arcam a história da universidade – com especial incidência nos anos 60. “Então, assistiu-se a uma viragem no ponto de vista político e cultural, a nível mundial. Em Coimbra, num país que vivia sob ditadura, isso não deixou de se evidenciar, com expressão nos movimentos estudantis. A universidade foi um palco privilegiado da contestação ao regime. Deu-se um abanão”, recorda Elisio Estanque. A crise académica de 1969 foi “o culminar” desse período – e o resultado chegou, cinco anos depois, com o 25 de abril.

Desses tempos – aliás, desde o princípio dos tempos, 1309 – resiste outro “símbolo da irreverência estudantil” coimbrã, que “teve um importante papel” nos anos 60: as repúblicas, as residências comunitárias de estudantes, agora ameaçadas pelo aumento das rendas mensais, propiciado pela nova lei do arrendamento urbano. “Elas estão sob ameaça, é preciso realçá-lo”, sublinha Elisio Estanque. “Apesar de serem fulcrais, repúblicas, secções culturais e secções desportivas têm cada vez mais dificuldade de cativar novos estudantes”, lamenta.

Tudo isso é fruto das mudanças profundas no País e no mundo. “No início do século XX, a UC tinha poucos milhares de estudantes, uns quatro ou cinco mil. E era a única no País. A percentagem de população que tinha acesso ao ensino superior era minúscula. Quem obtinha um diploma universitário tinha emprego garantido para a vida”, lembra João Gabriel Silva. Agora não é assim: o ensino superior (universitário e politécnico) está disseminado por todo o Portugal. E só na Universidade de Coimbra há cinco vezes mais alunos (cerca de 25 mil). Isso traz desafios: “É preciso continuar a evoluir, para não ficar fechado no tempo. Há que investir na modernização e internacionalização, para dar condições aos estudantes e manter este nível de excelência”, alerta Bruno Matias. E preocupações: “Com a multiplicação do número de estudantes, e vindo eles da classe média e trabalhadora (um bom sinal), sem transportarem a mesma bagagem cultural do que os vinham das elites, é preciso uma atenção redobrada da sua receção, todo um ciclo de integração, para preservar a consciência do que é a tradição, o património universitário e tudo o que, de outra forma, lhes pode passar ao lado do ponto de vista cultural e desportivo”, salienta Elisio Estanque.

O sociólogo sublinha a “importância dos rituais académicos” – excluindo os “jogos de despotismo, exagero e violência em que se tornaram” algumas praxes. A tradição é parte das vivências que fazem tanto rapaz e rapariga apaixonar-se por Coimbra, durante os anos que passa na universidade. O resto são as memórias doces de quem se está a tornar adulto. “Todo o envolvimento da Universidade e da AAC é algo que nos enriquece”, reconhece João Cardoso, de 18 anos, estudante do 2.º ano de Biologia. “É especial estudar aqui. Sinto-me completamente integrada. Coimbra ajuda-nos a crescer”, acrescenta a colega, do 3.º ano, Salmé Milagres, de 20 anos.

Em breve, também eles sentirão, provavelmente, “a breve eternidade do Mondego a correr” nas suas veias, como escreveu um dia Manuel Alegre. A saudade floresce ali, como em nenhum outro lugar: “De Coimbra, fica um tempo que não passa! Neste passar de um tempo que não volta” (idem). E mesmo quem ainda passeia o traje académico pelas ruas da alta universitária, como João Cardoso, sabe disso: “Tudo o que aprendo e vier a aprender aqui, dentro e fora do curso, são lições imprescindíveis. São memórias que vou manter daqui a 20 ou 30 anos”.



**A internacionalização** do ensino em português – de olhos postos no Brasil... e na China – é o objetivo do reitor da Universidade de Coimbra. Afinal, já tem sido a captação de estudantes estrangeiros a compensar os cortes orçamentais. E “é impossível imaginar um país com capacidade de inovação se não tiver boas universidades”

## “Um país que não preserva e desenvolve as suas universidades que perspectivas tem?”

**Para além de uma responsabilidade muito grande, o que é que a distinção como Património Mundial da Humanidade (atribuída em 2013 pelo UNESCO) trouxe de novo para a UC?** Já muitas pessoas me perguntaram se ser Património da Humanidade dá muito dinheiro: não dá, é só um carimbo. Mas é óbvio que, sendo um carimbo raro e valioso, podemos tirar daí alguns benefícios, a dois níveis. A atividade turística, em que temos um acréscimo significativo – é dos bilhetes que obtemos meios para conservar o património. E o fator distintivo: só há cinco universidades Património da Humanidade. Dessas, só três foram distinguidas por critérios materiais e imateriais, isto é, pelos edifícios e também pelo que representam para a cultura da humanidade. São a da Virgínia, em Charlottesville, a de Alcalá de Henares, em Madrid, e a UC, que tem todo este património arquitetónico e é um dos símbolos principais da língua e da cultura portuguesas. Temos obrigação de aproveitar esta distinção para explicar que vale a pena vir até cá. É importante para o mercado da língua portuguesa.

**Pode dizer-se que, mais do que uma universidade portuguesa, a UC é uma universidade da língua portuguesa?** A UC é a universidade em língua portuguesa mais reconhecida no exterior. Fora do país, tem um prestígio enorme, fruto de um grande trabalho ao longo dos séculos.

**Por onde mais passará a internacionalização da universidade, no futuro?**

Temos duas prioridades: os países de língua portuguesa (com o Brasil à cabeça) e a China – porque é o país que tem rela-

ções comerciais mais intensas com os países de língua portuguesa do hemisfério sul e tem uma enorme necessidade de formação de quadros que dominem o português. Nós estamos em condições muito favoráveis para responder a essa necessidade. Apesar de estarmos a virarmos para a China, não quer dizer que passemos a lecionar em inglês ou mandarim. Entendemos que existe no mundo um interesse suficiente na língua portuguesa para que a UC – baseando a sua oferta em cursos avançados de grande qualidade em língua portuguesa – tenha atração suficiente. Nós como universidade de língua portuguesa somos únicos. As outras formaram-se já no século XX. Se nos transformássemos numa universidade em língua inglesa, éramos mais uma entre milhares. Neste mundo globalizado, a identidade própria é extremamente valiosa. Seria de grande mioopia negar essa herança e deitar fora um potencial enorme.

**Em época de ginástica orçamental, o que pode a experiência centenária da UC ensinar às outras universidades?** Há que explicar a governos e cidadãos que há pouco futuro para Portugal se

não tiver uma boa capacidade de produção e disseminação de conhecimento avançado. Não temos petróleo ou outro recurso que permita que as pessoas vivam daquilo. O que é que podemos ter? A capacidade de pensar, o conhecimento avançado, a inovação, a competitividade. É impossível imaginar um país com boa capacidade de inovação se não tiver boas universidades. Um país que não preserva e desenvolve as suas universidades – sendo exigente com elas, também – que perspectivas é que tem? **No vosso caso, como têm compensado os cortes orçamentais?**

A solução foi internacionalizar a universidade, para que a formação seja mais adequada ao mundo em que vivemos e porque ajuda a suprir a insuficiência do financiamento local. No próximo ano temos um corte orçamental previsto de 1,5%, que vamos compensar com a receita adicional da internacionalização. **Está em final de mandato, como 137.º reitor da história da Universidade de Coimbra. Que balanço faz e porque decidiu recandidatar-se?**

A lição principal é de que a vontade tem muita força. Os outros é que devem fazer o balanço, mas todos podem concordar que apesar de ter atravessado estes anos de *troika*, a UC não está mais fraca. Está até mais forte. Terá as suas mazelas, mas está estável, sólida e com muita capacidade de atração. Aquilo que espero – se tiver um futuro mandato e se tivermos um bocadinho mais de oxigénio – é que aproveitemos a embalagem para expandir o prestígio e a qualidade da UC. Não queremos crescer em tamanho, mas queremos crescer em qualidade.

“  
Como universidade de língua portuguesa somos únicos. Se nos transformássemos numa de língua inglesa seríamos mais uma entre milhares